



## Uma Análise Da Família Através Do Personagem Felix de *Amor à Vida*: Possíveis Relações Entre Comunicação/educação e a Telenovela<sup>1</sup>

Camilla Rodrigues Netto da Costa Rocha<sup>2</sup>

PPGCOM | ESPM/SP

### Resumo

Partimos do debate ainda restrito na sociedade brasileira acerca do que se constitui família. Isso porque convivemos com diretrizes opostas: aprovação legislativa parcial do Estatuto da Família, que restringe família à união formada por homem e mulher, e decisões do STF e CNJ em sentido contrário, que albergam a união de casais homoafetivos. Identificando esse debate em torno da família na novela *Amor à Vida* e tendo em vista que a proposição de sentidos pelos media não se dá de modo isento, nem tampouco despido de estereótipos, buscamos compreender em que medida a narrativa teleficcional permite a construção de novos sentidos por parte dos sujeitos, por meio de seu consumo. Ainda introduzimos o campo da comunicação/educação como *locus* privilegiado de discussão da telenovela com possibilidade para reflexões que ampliem os horizontes e esvaziem os determinismos. Para tanto, nos valem de pesquisa bibliográfica a partir dos autores Baccega, Barbero, Rey, Lopes, Sunkel, Canclini e Slater.

**Palavras-chave:** Comunicação e consumo; Comunicação/educação; Telenovela; Família.

### Introdução

As narrativas midiáticas do gênero ficcional, que no presente artigo consubstanciam-se no formato telenovela, logram o mérito de estabelecer um diálogo

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 8 - Comunicação, Educação e Consumo coordenado pela profa. Dra. Maria Aparecida Baccega do 6º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Práticas de Consumo no PPGCOM | ESPM/SP, desde março/2014. Integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, educação e consumo: interfaces na teleficção”. Graduada em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda, ESPM/SP, dez. 2014). Graduada em Direito pela PUC/SP (dez. 2005). E-mail: [camilla@costarocha.com.br](mailto:camilla@costarocha.com.br)



com a audiência e assim o fazem a partir de um diálogo anterior que a própria narrativa, para se constituir, estabeleceu com a sociedade. De modo que podemos dizer que a telenovela está imbricada no cotidiano a partir dos temas que primeiramente estruturaram a trama e, posteriormente, são dirigidos à sociedade.

Para entender essa relação que a trama estabelece com o seio social, nos apoiamos em Martín-Barbero (2013), que traz como ponto de reflexão o *mediacentrismo* e alerta para o fato de que, na América Latina, o abandono dessa estrutura está se dando menos por força da potência industrial e capitalizada que toma conta das estruturas midiáticas e mais em virtude da força dos movimentos sociais.

Uma vez que trazemos como escopo do presente artigo investigar a família, tomamos de Martín-Barbero (2013) o fundamento para colocá-la, desde já, na qualidade de um *locus* de mediação social na medida em que não só permite, mas enseja a colocação e confrontação de ideias entre seus membros.

Além disso, a família imprime sua marca na própria estrutura narrativa da televisão através do que o autor denomina de *retórica do direto*: predomina na televisão a imediatez do cotidiano através de um discurso que familiariza tudo. É partindo desse entendimento que pretendemos analisar a trajetória da personagem selecionada, Félix, vislumbrando os modos possíveis de inserção da temática da família nas tramas do gênero ficcional em seu formato telenovela.

### ***Amor à Vida: A Redenção De Um Vilão Afetado Pelo Desafeto***

A personagem que nos interessa investigar é Félix, da telenovela *Amor à Vida*, produzida pela Rede Globo de Televisão, de 20.05.2013 a 31.01.2014<sup>3</sup>. Escrita por Walcyr Carrasco e exibida no horário das 21h, *Amor à Vida* foi ambientada em São Paulo, sendo considerada uma trama urbana e contemporânea cujo principal tema se ateve aos segredos que tanto afetam quanto mobilizam as relações familiares.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-trama-principal.htm> Acesso em abr. 2016



Félix (Mateus Solano) e sua irmã Paloma (Paolla Oliveira) são filhos do casal César (Antonio Fagundes) e sua mulher Pilar (Susana Vieira) que protagonizam a telenovela com a rica e bem sucedida família Khoury. Um núcleo familiar aparentemente constituído como um modelo de família feliz mas que, nos bastidores da realidade, tem seus laços alimentados por muitas mágoas, ciúmes, ambições e falta de afeto.

César é um médico famoso, dono do hospital San Magno e, em relação aos filhos, sempre teve predileção por Paloma, declarando abertamente sua falta de afeto por Félix que passa a ser o queridinho da mamãe, Pilar. Também em decorrência disso, Félix vai nutrir um ódio por sua irmã Paloma e ao longo da narrativa vai tentar prejudicá-la das mais variadas maneiras. Imbuído do ressentimento decorrente da falta de amor do pai e de um desejo de chegar na diretoria do hospital, Félix é introduzido ao telespectador como um vilão capaz dos mais ferozes atos para prejudicar a irmã – como por exemplo jogar o bebê recém nascido de Paloma na caçamba do lixo.

E se no casamento dos pais, César e Pilar, impera a falsidade e a mentira com as traições do marido perante a esposa, no de Félix o próprio casamento em si é a falsidade. Estar casado com Edith (Bárbara Paz) é uma maneira que Félix encontrou para esconder da família sua homossexualidade e, ainda, atender a ordem do pai. Sabemos de sua homossexualidade porque Félix mantém encontros secretos com um amante que chama de Anjinho (Lucas Malvacini). No decorrer da trama vamos descobrir também que Edith era uma garota de programa com quem César saía e ele a contratou para casar com seu filho. Félix e Edith tem um filho, Jonathan (Thales Cabral), maltratado pelo pai.

Ao longo da trama, Félix pratica várias ações nefastas que o configuravam, naquele momento da trama, como um vilão. Ações que vão desde falcaturas e roubos para angariar verbas ilícitas (do hospital e de pessoas físicas) até violências contra o outro como participar de um sequestro, corroborar para a internação psiquiátrica indevida da irmã e a prática de atentados contra a vida de pessoas que estão no seu caminho rumo ao poder.



A guinada de Félix se dá com a admissão de que foi ele quem jogou Paulinha (Klara Castanho), sua sobrinha, na caçamba do lixo. Félix admite a barbárie perante a família, desabafando o ressentimento e o ódio decorrente que sente da irmã pelo fato de nunca ter sido amado pelo pai que sempre devotou seu amor a Paloma e nunca o reconheceu como filho. Ao mesmo tempo, as traições de Félix com Anjinho são colocadas para a família inteira por Edith que revela que seu marido é gay. A essa altura César já se mostra um homem antiético e homofóbico e essa revelação aumenta ainda mais seu preconceito e distanciamento em relação ao filho.

Com a confissão de Félix, Pilar o expulsa de casa e Paloma, que até então amava o irmão e não sabia de nada de suas armadilhas, passa a odiá-lo. Félix perde tudo, menos o senso de humor. É acudido por Márcia (Elizabeth Savala), que foi babá dele na infância e passa a viver a rotina humilde dessa vendedora de cachorro quente da Rua 25 de Março. Félix vira sensação como vendedor de cachorro quente com seu bordão “Olha o *hot dog* do Félix! Vem que tem!”, com a flor vermelha que coloca na cabeça e a camisa que amarra na cintura.

É essa nova realidade que faz com que Félix passe por sua redenção. Ele se aproxima de Márcia com quem estabelece uma relação de cumplicidade permeada por afeto e se apaixona por Niko (Thiago Fragoso), uma personagem homossexual que tentava adotar um filho com o seu parceiro mas vivia sendo enganado por Amarilys (Danielle Winits) que queria roubar a criança. Félix e Niko, antes grandes amigos, passam a protagonizar o casal pelo qual o público torce para que o romance se concretize.

A redenção tem sua continuidade com Pilar que perdoa o filho com a condição de que ele repare todos os danos que causou aos envolvidos em suas maldades e ele assim o faz. Além disso, Félix ajuda a irmã Paloma a se reconciliar com o marido Bruno (Malvino Salvador), desmascarando uma armadilha feita para separar o casal. E ambos, Félix e Paloma, se unem para salvar César das garras da vilã Aline. Mesmo diante das atitudes negativas de César para com o filho, que abertamente declara seu



desamor e o seu preconceito em relação a Félix, é ele quem arma o plano que salva o pai das maldades da vilã.

O final da novela, com a redenção completa de Félix, traz a formação da sua família com Niko, esta sim baseada em laços de amor. Os dois vão morar juntos em uma casa na praia, com seus filhos adotivos Fabrício e Jayminho. E também com César, que fica sob os cuidados do filho. No capítulo final acontece beijo entre Félix e Niko<sup>4</sup> que marca a história da emissora como o primeiro beijo gay em uma de suas novelas. E como cena final da trama, ao som da Quinta Sinfonia de Mahler, temos César chamando Félix de filho e dizendo que o ama<sup>5</sup>.

### **A Telenovela Pensada a Partir Da Comunicação/educação**

A trama narrada acima traz em seu bojo uma história sobre os dramas vividos por uma família. Ao mesmo tempo em que é uma história televisiva, ou seja, uma narrativa do gênero ficcional no formato telenovela, contada na e pela televisão, não deixa de lado aspectos de realidade posto que há histórias vividas na vida cotidiana que encontram ressonância no que é apresentado na tela, através dos conflitos vividos pelas personagens e vice-versa.

Repousa aí uma das características da televisão, qual seja, a de se constituir como um meio de comunicação que ocupa um lugar estratégico “na cultura cotidiana das majorias, na transformação de suas sensibilidades, em seus modos de perceber o espaço e o tempo, em seus modos de construir imaginários e identidades” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 24-25).

E para Lopes (2002) a penetração da televisão se dá através de um repertório comum que ultrapassa as categorias de gênero, classe social, raça, idade. Baccega (2003, p. 7) vai nos dizer o mesmo, porém aprofundando a reflexão em relação à

<sup>4</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-felix-de-vilao-a-mocinho.htm> Acesso em: abr. 2016

<sup>5</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-felix-de-vilao-a-mocinho.htm> Acesso em: abr. 2016



telenovela, sobre esta ser um produto *transclassista* cujos temas pautados em sua narrativa inserem-se posteriormente em um debate ao alcance de todos.

Estamos delineando o que Lopes (2002, p. 2) denomina de *comunidade nacional imaginada* trazendo o conceito de Benedict Anderson (1991) para quem existe uma relação entre a emergência dos Estados Europeus no século XIX com o sentimento de pertencimento a uma comunidade imaginária criado a partir do momento em que surge a imprensa escrita e as línguas nacionais.

No caso das telenovelas, teríamos uma consolidação de um sentimento de pertencimento a um mesmo território nacional mediante a repetição, ao longo desses quase cinquenta anos, do ritual de assistir a uma narrativa que vai colocar convenções em torno de temáticas como por exemplo o que constitui uma família, o papel da mulher, a circunscrição de classes, a distinção entre o perfil urbano e rural, entre outras.

Mesmo diante dessas reflexões, da televisão enquanto um lugar estratégico para constituição do imaginário de um povo e da telenovela como um dos produtos televisivos que se constitui como uma narrativa primordial da nação, ainda há aqueles que apontam para a telenovela como um pólo irradiador de histórias que permitem sejam colocados em circulação somente estereótipos e territórios engessados e demarcados, de um determinismo social definitivo.

Vamos de encontro a qualquer visão reducionista da televisão e/ou da telenovela. Ao contrário, nos filiamos aos que invocam esse produto midiático, cultural e artístico, como um terreno fértil que logra o êxito de fazer circular e possibilitar que brotem discussões acerca de temáticas das mais variadas, entre as pessoas mais diferentes também (Martín-Barbero, 2013; Martín-Barbero; Rey, 2004; Machado, 2000).

Isso significa dizer que a telenovela é um produto midiático ancorado em nossa matriz cultural, ou seja, sua narrativa remete à lógica cultural na qual estamos inseridos, buscando nela suas referências para compor uma trama que dialogue com nossos dramas particulares.





E disso decorre que temas antes confinados ao âmbito privado são trazidos à tona pela telenovela que “dá visibilidade a certos assuntos, comportamento, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as intersecções entre a vida pública e a vida privada” (LOPES, 2002, p. 3). No mesmo sentido, temos em Baccega:

A inclusão do cotidiano, seus temas políticos, econômicos, sociais, seus comportamentos mecânicos se dá numa lógica ficcional que tem por referência a lógica cultural daquela sociedade. Assim, as transformações que ocorrem no nível ficcional, a solução de tensões, o encaminhamento de soluções de problemas passam a sugerir soluções possíveis no nível do real, pois estão todos imersos na mesma história cultural: dramaturgos e espectadores (BACCEGA, 2003, p. 10)

É deste modo que temos um ciclo em que as questões que movimentam o cotidiano são novamente contadas ao telespectador, sob a ótica da narrativa ficcional, ou seja, cria-se uma história para fazer circular determinados fatos. E os telespectadores assimilam aquela história a partir dos seus quadros de referência – dos seus mais variados modos de ser e estar na vida –, ressignificam e devolvem à sociedade os novos sentidos, aos quais sua percepção deu lugar, através de suas práticas.

E aí entra a relevância que o campo da comunicação/educação desempenha enquanto um campo teórico que permite e fundamenta a prática de sujeitos conscientes (Baccega, 1999). Sendo impossível desconsiderarmos a presença dos estereótipos na narrativa teleficcional, nos valem dos preceitos do campo da comunicação/educação para que seja articulada uma leitura crítica dos meios de comunicação.

Sabemos que muito do êxito dos meios dos meios de comunicação deve-se ao fato de sua linguagem estar ancorada em simplificações facilmente assimiláveis por parte do telespectador (Baccega, 2009) mas isso não significa se deve obstar dos sujeitos, o alcance da criticidade perante qualquer produto comunicacional.

E o que significa dizer que os meios de comunicação simplificam? Significa dizer que suas narrativas (ficcionalis ou não) se apoderam de uma realidade



estereotipada em si mesma, ou seja, se apropriam de uma visão de realidade construída sobre juízos prévios, baseada em juízos de valor e por meio dessa realidade irão contar uma história ou transmitirão uma informação. Partem, portanto, de uma realidade maculada.

O mesmo olhar que, crítico, se volta para a percepção quanto à utilização de estereótipos negativos nas telenovelas, é aquele que percebe que os meios de comunicação *editam* o mundo que é apresentado nas telas e notícias, através das mediações da realidade. Ou seja, os meios de comunicação privilegiam determinados pontos de vista trazendo-os à tona mediante recursos audiovisuais (cortes, luzes, edição) e narrativos (apropriação da retórica para sobrelevar determinado signo linguístico frente a outro). Tanto em seus produtos narrativos ficcionais quanto jornalísticos.

Assim, concluímos, nos é dado a conhecer aquilo que é selecionado para tanto (BACCEGA, 2009). Sem reduzir a capacidade da audiência – ao contrário, incentivando a mesma –, a autora enxerga na intersecção da comunicação com a educação, a possibilidade de instrumentalização dos indivíduos para um olhar reflexivo sobre essa realidade editada.

Os encontros entre os campos da comunicação e da educação não se reduzem à questão da presença (ou não) das tecnologias em sala de aula. Quando pensamos em comunicação estamos a falar tanto dos meios de comunicação quanto de uma *estrutura dialógica* de modo que passa a ser um “desafio do campo da comunicação/educação levar a saber ler e interpretar o mundo que, metonimicamente, nos é passado como sendo a totalidade e conseguir reconfigurar essa totalidade” (BACCEGA, 2009, p. 23).

E nessa *leitura de mundo* encontra-se incluída a leitura que fazemos da mídia, através da mídia e com a mídia. Ela, que exerce papel fundamental na cultura, relembra o lugar prioritário da comunicação/educação no campo de pesquisa da comunicação.





Portanto, é neste sentido que chamamos atenção para o papel da comunicação/educação quanto à possibilidade que esse campo de conhecimento tem de ofertar reflexões no sentido de ampliar os horizontes dos determinismos. É possível pensar a partir dos meios de comunicação. É possível ser crítico a partir dos produtos televisivos. Ou seja, a televisão pode sim, formar cidadãos. Afinal, é nesse campo que “se constroem sentidos sociais novos, renovados, ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas” (BACCEGA, 2009, p. 19).

Quando a comunicação e educação permitem ao indivíduo colocar-se, bem como compreender a si e aos outros no mundo, constituem-se pontes para o olhar e a postura reflexiva diante da realidade.

### **Da Família ao Félix: Possibilidade ou Impossibilidade De Uma Relação Homoafetiva?**

Ao falarmos em família colocamos luz no debate jurídico contemporâneo sobre que tipos de relações constituiriam uma família. A Constituição Federal em seu artigo 226 dispõe em seu *caput* que “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. E muitas controvérsias têm sido geradas a partir do Projeto de Lei nº 5583 de 2013 denominado Estatuto da Família<sup>6</sup>.

Segundo aprovação realizada na Câmara dos Deputados (não definitiva posto que ainda requer aprovação no Senado Federal), a família passa a ser reconhecida, de acordo com esse Estatuto, como “a entidade familiar formada a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos”.

Tal texto legal tem sofrido muitas oposições posto que se baseia na intenção de excluir, da proteção do Estado, a formação da família por casais homoafetivos. Há decisões anteriores proferidas pelo Supremo Tribunal Federal no sentido de que a

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/497879-CAMARA-APROVA-ESTATUTO-DA-FAMILIA-FORMADA-A-PARTIR-DA-UNIAO-DE-HOMEM-E-MULHER.html> Acesso em: abr. 2016



união homoafetiva deve ser considerada como albergada pelo texto constitucional quando o mesmo faz referência ao que se constitui uma família:

O *caput* do art. 226 confere à família, base da sociedade, especial proteção do Estado. Ênfase constitucional à instituição da família. Família em seu coloquial ou proverbial significado de núcleo doméstico, pouco importando se formal ou informalmente constituída, ou se integrada por casais heteroafetivos ou por pares homoafetivos. A Constituição de 1988, ao utilizar-se da expressão 'família', não limita sua formação a casais heteroafetivos nem a formalidade cartorária, celebração civil ou liturgia religiosa (...) A referência constitucional à dualidade básica homem/mulher, no §3º do seu art. 226, deve-se ao centrado intuito de não se perder a menor oportunidade para favorecer relações jurídicas horizontais ou sem hierarquia no âmbito das sociedades domésticas ([ADI 4.277](#) e [ADPF 132](#), rel. min. **Ayres Britto**, julgamento em 5-5-2011, Plenário, *DJE* de 14-10-2011.) **No mesmo sentido:** [RE 687.432-AgR](#), rel. min. **Luiz Fux**, julgamento em 18-9-2012, Primeira Turma, *DJE* de 2-10-2012)<sup>7</sup>

Percebemos que a inserção da temática da família na narrativa ficcional de *Amor à Vida* traz consigo um duplo aspecto, qual seja, um que consideramos como ideologicamente favorável à manutenção do *status quo* na intenção de fazer prevalecer os interesses religiosos quanto à necessidade da procriação para a permissão e legitimação do casamento. E, outro, aqui considerado como na contra mão dessa ideologia já que, mesmo alinhado com o entendimento do STF, perfaz a contra hegemonia diante do que foi aprovado em nossa Casa Legislativa com a alcunha de Estatuto da Família.

A telenovela, tal como vislumbramos na vida real, polariza o debate e o faz através de duas personagens que são, no caso, pai e filho: César e Félix. Concede ao primeiro as características de um homem macho sendo essa figura construída sobre juízos prévios, baseada em juízos de valor do que significa ser um homem macho: homem com M maiúsculo; homem que, ao ser casado e trair a esposa com outras mulheres demonstra uma qualidade e é por seus amigos considerado um ganhão. Esse discurso estereotipado referente a qualidade do que é ser homem, recorrente no

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigobd.asp?item=%202019>  
<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628635>  
<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>; Acesso em: abr. 2016



seio social, foi proferido por César no momento em que ele declara seu desapontamento para com o filho homossexual.

Na mesma cena temos Félix tentando obter o amor e o reconhecimento de seu pai. Ao explicar que ser homossexual ultrapassa a fronteira do seu querer, dá voz a muitos homossexuais e polariza a outra ponta da questão. Ainda que de forma também estereotipada do que é ser gay, Félix, ao buscar seu reconhecimento como filho, encampa a busca por respeito ao tema da homoafetividade no seio de sua família e consegue dialogar com a sociedade brasileira<sup>8</sup>.

Na trama, pai e filho acabam se entendendo e César, que passa a receber o auxílio e os cuidados de Félix, termina a novela morando com o filho, seu companheiro e os dois filhos do casal. A novela tem um desfecho considerado bonito por grande parte dos telespectadores quando César chama Félix de filho e diz que o ama. Declarações essas que são recebidas com muita emoção por Félix. Consideramos que a novela deu a Félix aquilo que buscou até aquele momento: a possibilidade de ser gay e filho ao mesmo tempo sem que uma condição inibisse a existência da outra<sup>9</sup>.

### Considerações Finais

Em consonância com o que trouxemos de Martín-Barbero (2013), percebemos na própria narrativa teleficcional a confrontação entre seus membros em torno daquilo que cada um deles vai entender como sendo legítimo para ser considerado como família. E ainda, a telenovela expõe a temática através da *retórica do direto*, ou seja, apresentando uma questão jurídica imbricada no cotidiano com sua imediatez típica e através de um discurso que familiariza tudo.

E se entendemos, em conformidade com Martín-Barbero (2013), que a família é um lugar privilegiado para leitura e ressignificação dos produtos culturais

<sup>8</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-felix-de-vilao-a-mocinho.htm> Acesso em abr. 2016

<sup>9</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-felix-de-vilao-a-mocinho.htm> Acesso em abr. 2016



televisivos, ou seja, “são as dinâmicas familiares que estruturam as modalidades do consumo televisivo” (SUNKEL, 2002, p. 6) voltamos nosso olhar para a relevância da inserção, na telenovela, de uma temática que é, em si mesma, uma problematização quanto ao que constitui o núcleo familiar.

É nesse sentido que cabe chamarmos a atenção para a relação estabelecida entre os telespectadores e a narrativa ficcional. E, para isso, necessário que consideremos o consumo como elemento chave no exame dessa relação simbólica. Apesar de todo consumo ser cultural posto que imbricado no simbólico, temos autores que definem e defendem o consumo cultural como aquele somente decorrente da relação de fruição estabelecida com bens culturais.

Para Sunkel (2002) a definição prevalecente na década de 90, sobre ser consumo cultural aquele que recai sobre produto cultural está ultrapassada. O autor (2002, p. 9) vai além para resgatar a própria noção de consumo “como uma prática cultural que se manifesta na apropriação e nos usos de todos os tipos de mercadorias e não apenas nos chamados ‘bens culturais’”.

Neste sentido, ampliamos nosso olhar diante do consumo, de modo a considerá-lo “como espaço que serve para pensar e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas sociedades” (CANCLINI, 2008, p. 14). Isso significa dizer que a articulação da narrativa da telenovela vai ofertar sentidos aos telespectadores, constituindo-se nesse espaço que *serve para pensar*. Vemos a televisão, portanto, como um espaço para construção de identidade e reivindicação de pertencimento (Martín-Barbero; Rey, 2004).

Para refletir especificamente sobre o telespectador que assiste àquela trama e ressignifica os sentidos ali colocados, devolvendo-os à sociedade ao seu modo, por meio de suas práticas, trazemos Slater (2008) que entende o consumo como aquele ato que traz consigo declarações sociais e políticas. Isso significa que qualquer consumo manifesta uma vontade porém, a partir do que aprendemos com esse autor, podemos afirmar que essas vontades estão para além de determinado bem ou serviço consumido (em nosso caso, a telenovela, bem cultural). Tais vontades expressadas no



consumo, trazem embutidas os desejos por um determinado estilo de vida, por engajar-se em determinadas relações sociais.

Quando vislumbramos a problemática posta no fato de ser possível reconhecer mais de uma possibilidade daquilo que se constitui como formando uma família, percebemos que o consumo funciona como uma declaração social e política de um grupo minoritário: o dos homossexuais. Posto que imersos na mesma trama cultural, a questão da personagem Félix passa a ser também a questão daqueles que, ao consumirem *Amor à Vida*, têm a possibilidade de terem reconhecido o seu desejo de inserção, familiar e social.

Deste modo, aliando o ponto de vista do consumo à perspectiva do campo da comunicação/educação concluímos no sentido da relevância da trama de *Amor à Vida* no que diz respeito ao debate em torno do que vem a se constituir como núcleo familiar. E assim o fazemos embasados no fato de que essa trama trouxe a família sob dois aspectos completamente díspares, tendo prevalecido o desfecho de Félix formando a sua própria família, na contramão do *status quo* reverberado no Estatuto da Família. Portanto, quando vista da perspectiva de emancipação dos sujeitos, essa narrativa televisiva colocou aos telespectadores a possibilidade de serem leitores críticos da realidade narrativa, na medida em que ensejou sentido de pertencimento aos excluídos e de superação de preconceitos aos incluídos.

### Referências Bibliográficas

ANDERSON , Benedict. *Imagined communities*. Reflexions on the origins and spread of nationalism. Londres: Verso, 1991.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e transdisciplinaridade: os caminhos da linguagem. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, [15]: 7 a 14, p. 7, mai/ago 1999.

BACCEGA, Maria Aparecida. “Narrativa ficcional de televisão: encontro com os temas sociais”. *Comunicação & Educação*, São Paulo, p.7-16, n.26, jan-abr 2003.



BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo, ano XIV, número 3, p. 19, set/dez 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. p. 11-73. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada à sério*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 7. Ed. URFJ: Rio de Janeiro, 2013.

MARTIN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2004.

SLATER, Don. *Consumer culture & modernity*. EUA: Blackwell Publishing Inc, 2008.

SUNKEL, Guillermo. *Una mirada otra. La cultura desde el consumo*. En libro: Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. Daniel Mato (compilador). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Caracas, Venezuela. 2002.